

# O ESPECTRO

## CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

Quando se diz alguma tolice em publico, lembro-me dos estrangeiros que podem achar-se em Paris, e logo me affijo, porque amo a minha patria!

CHAMFORT, *Maximas e Pensamentos.*

Cabe ao sr. dr. Manuel d'Assumpção, antigo ministro, antigo deputado *regenerador*, celebre pela sua rhetorica e pelo «cavallo branco de Napoleão», cavallo que o tem conduzido a mais de um triumpho;—cabe a S. Ex.<sup>a</sup> a gloria de haver proferido, em pleno parlamento, o grande grito da decadencia da politica portugueza.

É necessario pois registrar esse grito com todas as honras que lhe são devidas; registal-o com o mesmo cuidado, escrupulo, admiração e espanto com que a Historia regista o —*après moi le déluge!*—d'aquelle Manuel d'Assumpção do seculo XVIII, mais conhecido em França pelo nome de Luiz XV...

Porque ha muito que no parlamento portuguez —onde se tem soltado tanta coisa—se não solta um berro tão convicto e tão espontaneo.

A scena passa-se em S. Bento, compartimento dos srs. deputados, sessão do dia 13 de maio corrente. Tem-se entrado na ordem do dia:—«a resposta ao discurso da corôa». Subiu á tribuna o sr. dr. Manuel d'Arriaga para discutir os actos do actual gabinete: a dictadura de que bebeu até á embriaguez; e os desatinos que em seguida praticou.

Facto singular que eu offereço á meditação dos philosophos... Porque será que os desatinos d'um ebrio pelo *vinho* conduzem directamente o borracho ao calabouço do governo civil; emquanto que os desatinos d'um ebrio pela *dictadura*, o menos a que conduzem é a um *bill de indemnidade* votado pelas camaras? Porque será?...

Passo a transcrever fielmente o extracto da famosa sessão de 13 de maio de 90, publicado em varios jornaes portuguezes:

O sr. *Manuel d'Arriaga*, interrogando os ministros:—«Quaes são os vossos projectos?... A respeito do presente, eu não quero mais vergonhas, não quero que o meu paiz seja como o fidalgo arruinado! É preciso que vos torneis solidarios com a liberdade, porque quando chegarem as grandes desgraças a responsabilidade é vossa.»

O sr. *Manuel d'Assumpção*, interrompendo vivamente o orador:—«Quando ellas chegarem, apita-se!»

\* \* \*

Não sei se leram bem, ou se imaginam que é erro de imprensa. Não é... O sr. Manuel d'Assumpção, em nome da maioria *regeneradora* que o ap-

plaude em delirio, grita ao sr. Manuel d'Arriaga, que antevê desgraças para o paiz, se o governo se não torna solidario com a liberdade:

— «**Quando as desgraças chegarem, apita-se!**»

E aqui está todo o programma politico d'um partido que o Poder Moderador chama ao poder, n'um dos momentos mais graves e mais angustiosos da vida portugueza — **apitar!...**

Apitar! — é o remedio para todas as miserias nacionaes.

Apitar! — é o expediente para todas as complicações diplomaticas.

Apitar! — é o unico recurso para todos os desastres coloniaes.

Apitar! — é o que o governo só sabe fazer quando encalha no desastre financeiro de Paris.

Apitar! — é a unica resolução que a maioria da camara toma, quando é preciso resolver os mais graves problemas.

Apitar! — é o unico acto que maioria e governo tencionam praticar, emquanto tiverem nas suas mãos os destinos do nosso pobre paiz...

E no meio dos insultos que nos assacam de todos os lados; das desgraças que estão imminentes sobre as nossas cabeças; dos pontapés com que nos mimoseia a Inglaterra; dos aleives com que nos cobrem todos os dias em Paris os portadores de titulos de Dom Miguel; dos desdens com que nos humilham os banqueiros estrangeiros; — o governo e a maioria só sabem fazer uma coisa:

Apitar! Apitar! Apitar!...

A Inglaterra rouba-nos Mashona?... Apita-se!

A Allemanha vae estendendo o seu dominio colonial pelas nossas colonias dentro?... Apita-se!

Lord Salisbury declara o Zambezé — *rio portuguez* — aberto á navegação internacional?... Apita-se!

Os portadores dos titulos de Dom Miguel diffamam o nosso paiz nos jornaes e nas ruas de Paris?... Apita-se!

Os contractadores *firmes* do emprestimo de 9:000 contos declaram ao governo que só por muita caridade lhe emprestam 4:500 contos, e que os outros 4:500 os implore o governo dos bancos de Lisboa e Porto?... Apita-se!

E aqui estão um governo e uma maioria, de apito em punho, rodeados de governadores civis, de commissarios de policia e de policias civis, promptos para apitar, apenas cáia mais alguma fatalidade sobre a nossa patria!

Hão de concordar que, como expediente politico, se não encontra nada que lhe exceda, em toda a historia politica de todos os Estados europeus.

É o que se tem fabricado de melhor, como theoria de governo e como arte de governar.

O *apita-se!* do sr. Manuel d'Assumpção é a mais bella joia da decadencia politica d'um povo; é a mais bella joia da eloquencia parlamentar n'este ultimo quartel do seculo XIX.

Nós já tinhamos, de Fontes, o famoso:

— «Acima do cavallo da diligencia está o tramway, acima d'este a locomotiva, e acima de tudo o progresso!» (Oliveira Martins, *Port. Contemporaneo*, t. II, p. 363.)

Mas o *apita-se!* excede tudo quanto a antiga musa canta. Nunca se ouviu nos parlamentos europeus coisa que se lhe compare. E Deus sabe quantas joias d'este quilate se tem ouvido por esses parlamentos fóra!

\*  
\*  
\*

É pois necessario que se faça bom uso d'essa joia. Urge que se faça! Eu proponho ao meu paiz o seguinte alvitre:

Que se pegue no *apita-se!* do sr. Manuel d'Assumpção e se confie ao mais habil ourives do paiz, para que o artista o monte em alfinete de manta;

E que se offereça o alfinete ao sr. Serpa Pimentel, para que todos os dias o traga para a camara!

Quanto ao inspirado auctor do *apita-se!* o que ha de melhor a fazer é a opposição reunir-se, para offerecer ao sr. d'Assumpção — um apito d'honra...

Offerecem-se espadas d'honra aos que combatem corajosamente pela patria. Porque se não ha de offerecer um apito d'honra aos que apitam corajosamente pelo governo?...

Parece-me que já chegamos a um sufficiente estado de amollecimento cerebral para collocarmos no mesmo estrado de gloria — quem pegou n'uma espada para os makololos, e quem tenciona pegar n'um apito quando a desgraça nos vier bater á porta.

É talvez o momento de repetir a dolorosa imprecação de Herculano, na sua solidão de Val-de-Lobos:

— «Isto dá vontade de a gente morrer!»

Ou então a phrase dos scepticos portuguezes:

— «Até dá vontade de emigrar!»

Só me falta vêr, na primeira crise ministerial que houver, o Poder Moderador confiar a organização d'um novo gabinete ao sr. Manuel d'Assumpção.

Teremos assim, para maior alegria d'estes reinos, o ministerio dos apitos, succedendo logicamente ao ministerio dos que vão deixar o paiz a apitar!

Manuel d'Assumpção! Manuel d'Assumpção! Por sua causa até já faço *mendonça-costadas*!

---

Eu chamo respeitosamente a attenção do illustre Monoculo das Obras Publicas para a seguinte noticia publicada na 6.<sup>a</sup> columna da 1.<sup>a</sup> pagina do *Diario de Noticias*, de quinta-feira 15 de maio corrente:

— «Vae partir para a Allemanha o sr. Justino Guedes, afim de contractar *trinta e tantos operarios* para a fabrica de vidros da Amora.»

Eis tudo quanto se continha na supracitada noticia.

Esperarei alguns dias que algum sr. deputado se lembrasse de interpellar na camara o illustre Monoculo das Obras Publicas ácerca d'uma noticia em que se diz claramente: — ou que não ha operarios em Portugal, ou que os operarios portuguezes se acham sem a mais ligeira educação profissional. E nada!

Dias depois o sr. Pinheiro Chagas, no seu parecer sobre o *bill de indemnidade*, é que me explicou a causa d'este silencio. Toda a camara se preparava para discutir a grrrande medida dictatorial, da separação do Sobral de Monte Agraço, do concelho da Arruda.

Segundo se depreheende do parecer do sr. Chagas sobre o *bill*, uma das causas da perturbação politica que trouxe agitado Portugal em janeiro e fevereiro findos, foram as rivalidades entre Monte Agraço e Arruda.

Ao que parece, nem o *ultimatum* de lord Salisbury, nem a jornada camoneana e policial de 11 de fevereiro, nem o procedimento do consul inglez do Porto, nada abalou tanto a Patria e nada impressionou tanto a Europa — como as luctas surdas entre Arruda e Monte Agraço!

Lisboa bombardeada, Lourenço Marques tomado, nada nos seria tão fatal como o cataclysmo do *statu quo* entre Monte Agraço e Arruda! (Vidè parecer do sr. Pinheiro Chagas.)

Foi por isso, ó Historia do seculo XIX! que o gabinete Serpa Pimentel se declarou em dictadura!

N'esse dia, quando os Estados europeus foram prevenidos de que o fragil Monte Agraço já se achava liberto das garras da terrivel Arruda — os fundos portuguezes subiram por toda a parte. Na Bolsa de Paris só se ouvia este grito:

— «Quem quer titulos portuguezes! Monte Agraço está livre! Viva Monte Agraço!...»

Vejam de que ás vezes depende o futuro e a prosperidade d'um povo! Palavra que sempre desconfiei da Arruda!

Ora vão lá fiar-se n'uma villa que apenas conta 2:000 habitantes!... Ah! que se os da Arruda quizessem, e os de Peniche soubessem, e mais o capitão Machado á frente de todos elles, ainda o gabinete se via n'um sarilho!

Ora pois, Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Monoculo das Obras Publicas, que me diz V. Ex.<sup>a</sup> á noticia do *Diario de Noticias*?...

Já não temos operarios em Portugal, ou os operarios portuguezes não sabem fazer coisa que geito tenha?...

A segunda hypothese é talvez a verdadeira. Um industrial portuguez, como o sr. Justino Guedes, que deseja operarios para as suas fabricas, não os encontra capazes em Portugal, e precisa importal-os da Allemanha, aos *trinta e tantos* de cada vez! Quantos industriaes farão o mesmo?... Lindo futuro para os nossos trabalhadores!...

Mas então, Excellentissimo Senhor, para que ha em Portugal um ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria? E para que é que V. Ex.<sup>a</sup> está á testa d'esse ministerio? Para ir fazer *pic-nics* para a quinta regional? ou para mostrar o seu monoculo de sceptico e o seu peitilho de janota, do camarote dos ministros, ás elegantes que frequentam S. Carlos?...

V. Ex.<sup>a</sup> é ministro das Obras Publicas, ou ministro do dandysmo sertanejo?...

Se V. Ex.<sup>a</sup> é ministro das Obras Publicas, para que é que no seu ministerio ha uma verba, que no exercicio de 88-89 attingiu a bonita somma de reis 247:702\$926 para «estabelecimentos de instrucção industrial e commercial»?—Sem fallarmos na verba extraordinaria de 120:000\$000 reis para «aquisição e construcção de edificios e de material para o serviço de aulas de desenho industrial e escolas industriaes.»

Para que é, Excellentissimo Senhor, que assim se gastam n'um anno **367:702\$926 reis** em estabelecimentos de ensino industrial,—e quando uma fabrica de garrafas precisa de operarios tem de os mandar vir da Allemanha, aos *trinta e tantos* de cada vez?!...

Para que é que ha *um* ministerio com *um* ministro, e *uma* direcção geral d'industria com *um* conselheiro director geral, *tres* chefes, *seis* amanuenses e *um* continuo—se esse ministro e esses *treze* empregados da industria nem ao menos lêem o *Diario de Noticias* para saber o que ha com respeito á situação dos operarios?

E que quer V. Ex.<sup>a</sup> que eu conclua de tudo isto? —Que ministerio e ministros, tudo entre nós é uma triste patacoada, occupando-se apenas das necessidades do *partido*, e nunca das necessidades do *paiz*...

\*  
\* \* \*

De sorte que as nossas fabricas, que antigamente só precisavam de contra-mestres estrangeiros, tambem agora precisam de operarios estrangeiros!

Vamos bem, sr. Ministro da industria! Hoje é uma fabrica de vidros; amanhã uma fabrica de pannos; depois uma fabrica de chapéus... E assim por diante, até ao dia em que se chamem allemães e inglezes para embarrilarem mexilhões d'Aveiro, fazerem arrufadas de Coimbra, ou pasteis do Cócó...

E os nossos operarios, por falta de officinas-modelos e escólas de artes e officios, passarão de operarios de fabrica a serventes de allemães e inglezes, ou a ser carregadores de entulho,—em-

quanto não chegar o momento em que andem a pedir esmola pelas ruas de Lisboa e Porto.

Vamos bem, muito bem! O que não impede que se gastasse em 88-89 **367:702,926 reis** em ensino industrial e commercial—para as nossas fabricas estarem cheias de allemães e inglezes, e as nossas casas de commercio de inglezes e allemães.

Portugal é um paiz apenas bom para estrangeiros e burocratas. Os estrangeiros, desde o capitalista até ao operario, e os burocratas, é que sabem chupar-lhe todo o ouro. O pobre portuguez, esse, sem *padrinhos*, sem fortuna e sem instrucção, ou tem de passar uma existencia miseravel no seu paiz, ou tem de emigrar e correr a aventura pelo Brazil, pela Africa ou pela Australia.

Mas quando surgirem maiores desgraças e convulsões; quando surgir a questão social complicada de mil outras doenças—que faremos? ... Apita-se!

Apitamos—e está salva a patria!

Assim nol-o affirma o tribuno Assumpção...

Clamava o sr. Pinheiro Chagas no *Correio da Manhã* de 1 de maio corrente, investindo com as folhas da opposição:

— « A pretexto de dizerem a *verdade*, dizem *falsidades*, admittindo como possivel que houvesse banqueiros que, depois de terem tomado firme um emprestimo, se recusassem a satisfazer os seus compromissos. Se assim fosse não valia a pena contractar emprestimos firmes! »

Com que então, eram *falsidades* o que nós diziamos? ...

Pois fique o publico sabendo que o syndicato Ephrussi, em seguida ao escandalo do emprestimo Dom Miguel e ao adiamento pelo governo francez da cotação official dos novos titulos—só emprestou *caridosamente* ao governo, apesar de todas as supplicas do sr. Perestrello, metade do emprestimo, ou sejam 4:500 contos de reis.

E como não houvesse meio de encontrar os outros 4:500 contos nas praças estrangeiras, então o sr. Franco Castello Branco viu-se na necessidade de os implorar aos bancos de Lisboa e Porto—dos quaes não havia feito nenhum caso quando pensou em realizar o emprestimo *firme*.

E são os bancos de Lisboa e Porto—aos quaes o actual ministro da fazenda não ligou a menor importancia quando o governo precisava de 9:000 contos—que se vêem na necessidade patriotica de soccorrer o thesouro com 4:500 contos, no dia em que os contractadores *firmes* se recusam a cumprir o contracto que haviam firmado com o Estado!

O actual gabinete, em dictadura, houve por bem crear um novo ministerio—o ministerio da Instrucção publica. Mas em vista do que se está passando em Londres com a questão africana e em Paris com a questão financeira, tambem me parece urgente crear mais outro ministerio, que se ficará chamando:

### **O Ministerio das humilhações!**

\* \* \*

Eu pedia aos jornaes do governo, aos jornaes *bem informados*, que me explicassem a historia que se conta em segredo, em Paris, d'uma carta de

M. Germain, director do *Crédit Lyonnais*, dirigida ao syndicato do ultimo emprestimo, a proposito dos novos titulos, e em que se falla desdenhosamente de *mercadoria* ou de *papel avariado*...

Será ao papel portuguez que allude o director d'aquelle importante estabelecimento de credito?...

Que novo descredito é este lançado sobre Portugal, justamente pelo director d'um banco de Paris que tem a *agencia official* do governo portuguez?...

Serão novas *falsidades*, que depois se apura serem durissimas *verdades*?...

Com vista ao sr. Pinheiro Chagas.

Uma folha governamental — *A Tarde* — passa as horas da sésta insinuando que o **Espectro** deve ser necessariamente pago pelo desprezível syndicato dos titulos de Dom Miguel, syndicato que nos anda diffamando pelas esquinas de Paris.

Este processo de critica da *Tarde* comparado com o do *Jornal da Noite* (Vidè **Espectro** n.º 4), prova-nos mais uma vez que o governo supprimiu a liberdade d'imprensa, para dar o monopolio da injuria aos jornaes do partido.

A pittoresca insinuação da *Tarde* nem me irrita nem tão pouco me surprehende. Os redactores da *Tarde* teem passado toda a vida a vender a sua penna ao partido *regenerador* — ou por metal sonante, ou empregos publicos, ou logares de deputados, que tudo vem a ser o mesmo. De sorte que lhes parece um sonho ou aberração da natura haver jornalistas que se não aluguem para fins duvi-

dosos, escriptores que não vendam a penna, cidadãos que queiram ter em publico uma opinião *sua*, uma critica *sua*, em face da bambochata da politica indigena!

É uma questão de ponto-de-vista, de moral para serviço exclusivo da *Tarde*, que eu vou registando, sem me dar ao trabalho de discutir.

Para mais esclarecimentos ácerca do meu patriotismo, recommendo aos redactores da *Tarde* uma entrevista com o sr. Serpa Pimentel. Talvez S. Ex.<sup>a</sup> lhes possa dar informações sobre o caso!

\*  
\* \* \*

Mais enfurece a *Tarde* e tambem o *Correio da Manhã* a ideia de que eu ousou accumular as funcções de redactor do **Espectro** com as de cavalleiro da ordem de Christo...

Francamente, que não acerto com as causas de tal furia.

Por acaso os regulamentos da ordem de Christo defendem aos cavalleiros, sob pena de excommunhão, qualquer intervenção ou critica sobre a politica do paiz?...

Por acaso os regulamentos da ordem impõem aos cavalleiros a obrigação de dar palmas e vivas a todos os erros diplomaticos do sr. Hintze, a todas as astucias inquisitoriaes do sr. Lopo, a todos os disparates financeiros do sr. Franco Castello Branco, a todas as pimponices dictatoriaes do sr. Arroyo?...

N'esse caso, a ordem não devia ter sido fundada sob a invocação de Christo, mas do doutor Pan-

gloss, de Voltaire, que achava que tudo ia ás mil maravilhas n'este mundo, e que este mundo era o melhor dos mundos possiveis e imaginaveis.

Mas tal não foi a ideia de el-rei D. Diniz ao fundar a ordem, de que sou o mais humilde cavalleiro. E por duas razões:

1.<sup>a</sup> Porque no seu reinado ainda não tinha apparecido á luz o *Candide* de Voltaire;

2.<sup>a</sup> Porque queria que o patrono da ordem fosse aquelle Jesus de Nazareth que um dia, no templo de Jerusalem, correu á chicotada os judeus, porque faziam da «casa da oração uma caverna de ladrões». (Renan. *Vie de Jésus*, p. 134.)

Uma ordem de Christo nunca poderá ser nem uma ordem de Pangloss, nem de carneiros de Panurgio—mas sim uma ordem de independentes e de revoltados! Mas se a *Tarde* assim o não entende, e se Sua Magestade está d'accordo com a doutrina da *Tarde*—aqui estou prompto a renunciar ao titulo e a devolver as insignias.

Creio que a ordem me dá direito a um alqueire de cevada, todos os annos, para o meu Rocinante. Ora como não tenho cavallo, peço licença para offerrecer a cevada da ordem—á redacção da *Tarde*!...

---

O governo de Sua Magestade Fidelissima, ligeiramente irritado com o favor com que o publico tem honrado este **Espectro**, acaba de inventar um sr. Antonio Sebastião de Carvalho Vasconcellos, que se diz proprietario d'um semanario politico o *Espectro* (??), semanario que nunca ninguem viu e nin-

guem leu!... O sr. Vasconcellos requereu pela 3.<sup>a</sup> vara civil de Lisboa «um arresto em todos os numeros que apparecerem á venda do semanario do mesmo titulo, publicado pelo sr. Mariano Pina.»

Como vêem, a operação não pôde ser mais simples, nem mais brilhante! Todas as semanas a policia apprehende 10:000 numeros do meu **Espectro**, tendo o direito de os vender por conta do sr. Antonio Sebastião de Carvalho Vasconcellos; e este illustre e ignorado jornalista entra assim, todas as semanas, na posse de 500,000 reis, para o usufructo dos quaes não arriscou nem uma ideia, nem uma phrase — nem mesmo um caderno de papel almasso!

O processo tem só o defeito de não ser novo. Já os frequentadores do pinhal d'Azambuja faziam o mesmo, de cada vez que lhes passava ao alcance da espingarda algum almocreve ou rico viandante.

\*  
\* \*

Não sei se ainda ha juizes em Portugal — o que é muito provavel; e se um sr. Antonio Sebastião de Carvalho Vasconcellos tem o direito de me impedir o uso d'um titulo que elle não inventou, pois que ha perto de 60 annos Antonio Rodrigues Sampaio o lançou no dominio do publico;

E se esse sr. Vasconcellos, ou outro qualquer Antonio Sebastião, tem a phantasia de registrar para seu uso particular todos os nomes proprios do dictionario da lingua portugueza — ficar-se-ha por esse facto sem titulos para as revistas que de futuro quizermos fundar?...

Mas tudo me leva a crer que o mysterioso sr. Vasconcellos ha de ganhar o processo... Basta

olhar para o jubilo com que os jornaes do governo logo annunciaram o caso do arresto!

— «Bem pregada peça!...» — exclamaram em côro as folhas mais ou menos amollecidas do partido da dictadura.

Imaginando — o que é um claro symptoma de amollecimento cerebral — que supprimido o titulo d'um pamphleto, ficava assim supprimida a penna que o escreve!

Não, patuscos, não! O titulo não faz nada ao acaso. Se o sr. Luiz Palmeirim imagina que basta escrever um mau poema, tendo por titulo os *Lusiadas*, para logo passar á posteridade, e ser apeado Camões do seu pedestal para ceder o logar a um Palmeirim de bronze — está o grande censor redondamente enganado. Como tambem não basta ser *ministro da fazenda* para ter a confiança dos banqueiros de Paris.

\*  
\* \*

Supprimam, pois, o **Espectro!** Se o dictionario da lingua ainda a estas horas não está registado na Bibliotheca — para que eu não tenha mais titulos — ainda encontro á minha disposição: — o *Esfola*, o *Esguicho*, o *Espelho*, o *Espantador*, o *Espantalho*, o *Espargo*, o *Espigão*, o *Espirro*, o *Esporão*, e até o *Espreita!*...

E quando o Governo me supprimir o dictionario da lingua de Camões, resta-me o recurso do dictionario do calão parisiense, para lhe enviar, sobre a minha capa encarnada, esta bella palavra — **Zut!**...

*Mariano Pina.*